

Inspectoria São João Bosco

Colégio Dom Bosco
Brasília - DF - Brasil

Brasília, 27 de outubro de 1974

Caros Irmãos em Cristo e em Dom Bosco.

Pela primeira vez cumpre-me o dever fraterno de escrever os dados biográficos de um nosso Irmão de Congregação. E quis a Divina Providência que esta obrigação fosse cumprida para a pessoa do inesquecível Irmão



Pedro Fonseca Filho

entre nós tratado fraternalmente como «Pedrão».

Quando, pela Inspetoria, correu a notícia de sua doença, e doença grave, todos ficaram atônitos, quase não acreditando. Sua fibra, sua resistência, seu trabalho tornaram-se proverbiais entre todos os que o conheciam e com ele conviveram. Ele próprio se orgulhava desse dom do Senhor e, mais do que ninguém, saboreava a vida, exaltando a própria saúde e querendo sempre entregar-se a toda espécie de trabalho com a mais pura e reta intenção.

«Honrar Dom Bosco e a Congregação» era o estribilho constante de todas as suas atividades. Este o seu contínuo pensar. Este, o argumento de suas frequentes exclamações e, muitas vezes, a demonstração em cantos do que sentia no coração. «Hei de chegar até o ano 2.000!» — exclamava muitas e muitas vezes. Mas os planos divinos eram outros. Seus dias, seus trabalhos atingiram os limites estabelecidos por Deus, e teve de parar. Rapidamente (dois meses apenas inativo em sua vida salesiana) partia do nosso meio para se encontrar com o Criador.

Tinha a santa mania do trabalho. Os apontamentos deixados em seus cadernos e em muitas outras anotações esparsas versavam, em quase sua totalidade, sobre o trabalho santificado, executado em união com Deus e desempenhado com reta intenção. Lemos numas notas que escreveu após uma meditação: «Se eu quiser fazer alguma coisa com seriedade, não posso desprezar a Cruz, apesar de não querer compreender a dor que é o sal da minha vida. — Trabalha até que o teu trabalho forte e constante faça estalar a tua alma. — O trabalho haverá de me santificar. Mas só santificam o trabalho e o estudo bem realizados. É preciso que eu trabalhe bem. Que ridículo se torna oferecer a Deus uma ocupação descolorida, sem graça, sem alegria, sem esforço».

Ao lado desse amor ao trabalho, uma piedade simples e sólida alicerçava-lhe a vida. Queria rezar. Gostava de rezar. Particularmente e em comunidade. Lamentava a falta de oração em certos ambientes e entre alguns irmãos. Para alimentar sua piedade lia frequentemente livros espirituais. Nos anos de nossa convivência, por três ou quatro vezes, pediu-me lhe indicasse alguma leitura a ser feita particularmente. Os livros encontrados em sua mesa, os pensamentos e trechos deles transcritos com suas próprias mãos atestam essa sua atividade, esse seu empenho em levar a sério a vida espiritual.

Muitas vezes, de um modo que nos parecia um tanto exagerado, colocava Dom Bosco e a Congregação no meio de suas conversas, quer para criticar as falhas como para louvar com entusiasmo o bem que aqui ou alhures estava sendo realizado. Ao final da conferência feita pelo Padre Luís Ricceri aos Salesianos da Inspetoria a 29 de junho de 1970 e a todos entregue mimeografada, deixou escrita esta explosiva exclamação: «Que magnífica conferência! Que beleza! muitos a desprezam e a jogam no cesto de lixo! Que incredulidade! Que falta de salesianidade, de amor a Dom Bosco e à Congregação!»

O amor que nutria para com sua tão numerosa família foi outra característica marcante de sua vida. Sempre se carteava com seus irmãos e parentes. Foi um verdadeiro anjo da guarda consolador nos últimos meses de vida de seu querido pai que atingira a idade de 93 anos.

Assim era o Pedrão. Este, seu espírito. Estas, suas preocupações muitas vezes manifestadas com impetuosidade toda sua!

— Seu berço na terra foi a pacata cidadezinha de Dores do Indaiá (Minas Gerais). Aí nasceu aos 22 de junho de 1915. Pedro Fonseca e Inês Fonseca Assunção foram seus pais. Dotados de uma alma profundamente fervorosa e cristã, souberam educar o «Pedrinho» (como era chamado em família), com os seus outros doze irmãos!

Em São Gotardo fez os primeiros estudos, frequentando depois o Colégio Dom Bosco, de Araxá, onde sentiu em si a confirmação da vocação religiosa que alimentava, havia muito, em seu coração.

Em 1934 foi para o aspirantado de Lavrinhas fazendo seus estudos até a 2.ª Série Ginasial. Resolveu então, com o consentimento dos superiores, ser Irmão Coadjutor. Padre Agenor Vieira Pontes, seu diretor naquela época, sabe muito bem avaliar o trabalho que desenvolveu naquela casa, como aspirante coadjutor. Sobre este período de sua vida deixou escrito: «Com esforço e dedicação pessoal aprendi vários afazeres em matéria de construção, pinturas, etc.»

Admitido ao noviciado em 1940, fez sua primeira profissão aos 31 de janeiro de 1941, no Instituto Coração Eucarístico, no Alto do Ipiranga — São Paulo. Logo depois foi desempenhar, a mandado do Padre Inspetor, então Padre Orlando Chaves, um ofício que nunca exercitara: ser despenseiro e cozinheiro no Estudantado Teológico Pio XI. Não era aquele o seu desejo. Mas obedeceu prontamente. Começou a ser, a partir de então, um perito cozinheiro, desvendando todos os segredos da arte culinária. Para o Pedrão realmente a obediência fez milagres na cozinha!

Transferido em 1942 para o Colégio S. Joaquim, de Lorena, exerceu o ofício de despenseiro, encarregado de compras, de trabalhos de pintura e conservação do prédio. Três anos passados, foi convidado a trabalhar no noviciado de Pindamonhangaba. Ali, junto do exemplar Coadjutor Heitor Schneider, foi construtor até o final de 1947, ano em que, a 31 de janeiro, emitira sua Profissão Perpétua.

Nos três anos subsequentes, com a mesma ocupação, suas atividades se exerceiram na casa de Pará de Minas. Um ano depois (1950)

vêmo-lo em São João del-Rei e nas Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo, sempre envolvido em obras de construção.

Mas suas múltiplas atividades foram desempenhadas sobretudo em Barbacena, no Instituto Tenente Ferreira, sendo o braço direito e o homem de confiança por excelência do nosso insigne benfeitor Sr. Sabino Ferreira, doador daquela Instituição e que marcou, de um modo verdadeiramente profundo, o coração de nosso Irmão. Entre os Salesianos que naquela casa mourejaram destaca-se sem dúvida, de maneira ímpar, o nosso Pedrão. Nos trabalhos lá executados, gastas foram muitas de suas energias e feitos seus maiores sacrifícios. Aí se especializou também em motorista, mecânico de carros, restaurador e pintor de imagens, trabalhos de gesso, etc. Barbacena foi beneficiada com sua presença, de 1951 a 1966. Neste período, de lá se ausentara apenas em 1955, quando voltou ao primeiro Colégio Salesiano que o acolhera, Araxá, e onde executou várias obras.

Da casa de Barbacena, da qual se lembrava frequentemente, ora com alegria, ora com tristeza (não há rosas sem espinhos), passou para o Planalto em 1967, sendo indicado para Silvânia. Por duas vezes, neste período, foi convocado pela nossa Inspetoria Irmã, do Sul do Brasil, trabalhando na pintura e melhoramento das nossas casas de Ascurra e Itajaí (Santa Catarina). Temporariamente também percorreu os Colégios Santa Rosa, Instituto São Francisco de Sales, Dom Helvécio, Liceu Salesiano de Belo Horizonte e Ateneu Dom Bosco de Goiânia, sempre envolvido em atividades de construção.

Em 1969, indicado para esta casa de Brasília, aqui continuou a trabalhar com afinco, especialmente nas obras do Santuário Dom Bosco. Sua operosidade como pintor, pedreiro, instalador de vidros, chamou a atenção também das pessoas que o auxiliavam. Era-lhes impossível acompanhá-lo no ritmo de trabalho. Sozinho, num período inteiro de férias de verão, pintou internamente todo o Colégio. Para isso, começava as atividades às 5 horas da manhã, indo até às 5 da tarde: apenas para o almoço fazia uma interrupção.

O que tinha de fazer queria fazê-lo logo e bem, ficando impaciente enquanto não entregasse aquilo que se lhe havia confiado. Restaurou e ampliou a residência paroquial do Núcleo Bandeirante, levantando a nova igrejinha de madeira que funciona como paróquia, até que seja construída a igreja definitiva de alvenaria. Trabaiho pesado também executou, sob os raios causticantes do Sol, quando da impermeabilização externa da cobertura de nosso Centro de Estudos Pedagógicos. Sempre, em meio a todos os seus trabalhos, cultivava um grande amor à ordem e à limpeza, além de todo o cuidado que tinha com todo seu material de trabalho.

Seus últimos meses passou-os no sítio do Colégio, não distante da Ermida Dom Bosco, às margens do lago de Brasília, em companhia do Padre Henrique do Nascimento Teixeira.

Uma tosse persistente, emagrecimento acentuado, foram os sintomas externos do mal que lhe estava minando o organismo. Atingido por médicos, nossos insignes benfeiteiros, foi constatado o mal galopante que o haveria de levar à sepultura. Instalado, a 4 de abril, no magnífico Hospital das Forças Armadas, lá passou 18 dias em sério tratamento e em não menos sérios exames, estudando-se a possibilidade de uma intervenção cirúrgica. Mas esta seria então inútil e declaradamente fatal.

Voltando à vida de comunidade, foi-lhe permitido dedicar-se a algum trabalho leve, quase como distração, contrariando seu desejo de voltar ao sítio do Colégio e recomeçar a vida normal. Aplicações de

cobalto e outros cuidados dos médicos especialistas tornaram-se infrutíferos e, a 23 de maio, dois dias antes dos festejos colegiais em honra de Maria Auxiliadora, nosso Irmão não teve mais forças para ficar entre nós. Internado novamente no mesmo hospital, apesar de todos os cuidados e dos mais modernos recursos médicos, sentiu definharem-se-lhe as forças. A princípio, pensando sempre no dia de receber alta, foi aos poucos sentindo a realidade da vida que se extinguia, sempre mais se conformando com a vontade do Senhor que o queria junto de si.

Noite e dia seus familiares, sua irmã religiosa inclusive, nossos Irmãos de Goiânia e Silvânia, ininterruptamente estiveram a seu lado. A eles e a outros Irmãos vindos de longe, na pessoa do dedicado Sr. Aldo Maia, a gratidão sentida dos Salesianos de Brasília.

Todos os dias fazia a Santa Comunhão e, por duas vezes, piedosa e conscientemente, recebeu a Unção dos Enfermos. A bênção de Maria Auxiliadora por várias vezes confortou-o nos instantes de sofrimento.

Seus 59 anos, alegre e tristemente foram comemorados no hospital, no dia 22 de junho. Apenas 25 dias teria ainda de vida. Sofrimentos e dores tê-lo-ão certamente tornado merecedor da misericórdia e recompensa de Deus, Nossa Senhor. Mesmo na sua doença não deixara de ser o Salesiano que amava a Congregação. Estampas e novenas de Maria Auxiliadora, Dom Bosco e dos outros santos salesianos, foram por ele distribuídas a médicos e enfermeiras do hospital, a quem sempre transmitia uma mensagem de agradecimento e de fé.

Pela manhã de 27 de julho entrou em estado de coma. Chegado de viagem, fui logo ao hospital. Em meio aos estertores da morte, numa verdadeira pausa de tranquilidade que o Senhor lhe dera, com a presença de sacerdotes, irmãos e familiares, parecia acompanhar as orações rituais que foram então rezadas. Continuando depois sempre tranquilo, às 11 horas e 10 minutos, expirou serenamente. Era o sábado, dia consagrado a Nossa Senhora.

Seu corpo foi transportado para um dos salões do seu querido Santuário Dom Bosco, sendo logo rezada Missa de corpo presente. Na manhã do dia seguinte, antes do enterro, houve Missa concelebrada pelos sacerdotes da comunidade e sob a presidência do Padre Alfredo Carrara, nosso Inspetor, vindo do Rio especialmente para prestar ao Irmão as últimas homenagens, em nome da Congregação.

No Campo da Esperança, na Quadra 108 — Cova 32, repousam os restos mortais do querido Pedrão. Que seus exemplos de religioso e fervoroso cristão, sejam, para nós que ficamos, duradouros e eficazes.

Rezemos por ele. Se necessitar de nossas preces estaremos desempenhando um dever de caridade; se delas não necessitar ser-nos-ão elas retribuídas. Confiamos em Deus poder dizer: «O Pedrão está no céu. Reze ele por nós que ainda estamos na terra».

Brasília, 27 de outubro de 1974.

O irmão em Dom Bosco,

Padre Raimundo do Nascimento Teixeira
Diretor

Dados para o Necrológio

PEDRO FONSECA FILHO — nasceu em Dores do Indaiá, em 22.06.1915 e faleceu em Brasília aos 22 de julho de 1974, com 59 anos de idade e 33 de profissão religiosa.